

Historischen Beiträgen zur Philosophie. Geschichte der Kategorienlehre - Vorwort

*Contribuições históricas para a filosofia.
História da doutrina das categorias - Prefácio*

Tradução e notas de

Sergio Portella

sgportella@yahoo.com.br

Mestrando, Bolsista PROSUP/CAPES, em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

[S. vii]

Prefácio*

* A importância da *Vorrede* da *Historischen Beiträgen zur Philosophie* de Adolf Trendelenburg (1802-1872), aqui disponibilizada, está em situar a intenção da grande trilogia do autor: a "avaliação do caráter histórico dos sistemas" (*Beurtheilung des Geschichtlichen in den Systemen*, S. vii). Neste horizonte, a obra divide-se em: *Geschichte der Kategorienlehre* (*História da doutrina das categorias*, primeiro volume, 1846), *Vermischte Abhandlungen* (*Tratado das mediatidades*, segundo volume, primeira parte, 1855) e *Vermischte Abhandlungen* (*Tratado das mediatidades*, segundo volume, segunda parte, 1867). Acompanhar o fio desses mais de vinte anos de produção é confirmar a tese de que o porte de um filósofo é medido pelo vulto dos seus interlocutores: a obra é dedicada à "controvérsia do valor científico da dialética hegeliana" (S. iv), e, a tanto, inicia o primeiro volume com um capítulo dedicado à *Doutrina aristotélica das categorias* (*Aristoteles Kategorienlehre*, I Bd.1, S.1) e conclui o terceiro volume com um capítulo acerca *Da ética aristotélica* (*Zur aristotelischen Ethik*, IX Bd.3, S.399). Compreender o percurso argumentativo de Trendelenburg é refazer o árduo caminho de visitar dois mil anos de tradição filosófica, dos gregos aos alemães, no intuito de responder ao desafio deixado por Kant: a cisão entre fenômeno e coisa-em-si que torna o discurso filosófico um subjetivismo. Se o conhecimento é uma descrição de procedimentos, a adequação do caso experienciado às formas puras do entendimento, como afirma Kant, a ciência perde seu caráter normativo e as categorias filosóficas não podem reivindicar outra realidade que não formal, modos de dizer o que é que, contudo, não referem à coisa, mas aos arquétipos sintáticos regidos pelo esquema oposicional do entendimento. Dois momentos importam à compreensão do papel central de Kant na *Kategorienlehre* do ocidente: (1) na *Crítica* de 1781, Kant afirma: "a procura destes conceitos fundamentais foi empresa digna de um espírito tão perspicaz como Aristóteles. Como, porém, não estava de posse de um princípio, respigou-os [aufraffte] à medida que se lhe deparavam e reuniu assim primeiramente dez, a que deu o nome de categorias" (KrV, A 80/B 106). Em suma, como Aristóteles não dispunha de um princípio único, o Eu puro ou transcendental, incidiu a realidade das categorias ora à coisa (essência, quantidade e qualidade,) ora ao sujeito epistêmico (relação, lugar, tempo, posição, condição, ação e paixão). (2) Em defesa do seu idealismo transcendental, Kant afirma: "Leibniz intelectualizou os fenômenos, assim como Locke sensualizou todos os conceitos puros do entendimento" (A271/B327). Ou seja, tomar o Eu puro como princípio requer manter distintas as suas faculdades, entendimento e intuição, coisa que Leibniz e Locke não fizeram, o primeiro ao atribuir a reciprocidade dos conceitos à realidade, o segundo da realidade aos conceitos. Assim, por (1), o Eu puro protagoniza o conhecimento, por (2), afirma a suficiência do intelecto à descrição última da materialidade dos juízos, logo, afirma o subjetivismo da unidade sintética da apercepção. Mas, se Aristóteles, Locke e Leibniz teriam sido dogmáticos, Kant incorreu no mesmo erro: como o discurso sobre o mundo é limitado à subjetividade, não há como justificar a idealidade espaço-temporal do objeto do conhecimento, tese necessária à separação entre intuição e entendimento sobre a qual Kant funda sua obra. Esta crítica, proferida por Salomon Maimon em seu *Versuch über die Transzendentalphilosophie* (Hamburg: Meiner, 2004), inaugura os debates que marcaram a geração pós-crítica, que teve como principais expoentes Reinhold, Fichte, Schelling e Hegel. Na *Grundlage der gesamten Wissenschaftslehre*, Fichte concede a Reinhold, este "espírito sistemático", a intuição da sua resposta: "o Eu se põe" ao limite do não-Eu, procede a determinação do mundo ao limite do seu conteúdo, experimenta aquilo que já detém. O problema é que então o discurso permanece limitado ao Eu, um outro subjetivismo. Hegel vai além: admite a espaço-temporalidade da realidade, mas difere esta da coisa-em-si, mero "produto do pensar" (*Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, § 44). A realidade experienciada, determinada pelo pensamento, evanesce (*Verschwand*), tornando especulativo o conceito simples, uma negação determinada (*bestimmten Negation* - *Enz.* 91 Z) que detém tanto A como não-A para, ao cabo, ser posta às vezes da realidade mesma, uma negação absoluta. A negação por Hegel da coisa-em-si afirma que tudo o que existe é o para-nós: a *Ciência da Lógica* inicia

Na presente obra, *Contribuições históricas para a filosofia*, o Autor se volta ao estudo e à avaliação da historicidade dos sistemas com o objetivo de usar os resultados nos desafios (*Aufgaben*) atuais da ciência.

Nesse primeiro volume, que constitui uma unidade independente, é a doutrina das categorias (*Kategorienlehre*), cuja origem e gênese ainda não foi devidamente compreendida para atender qualquer pretensão de realização, o objeto dessa investigação (*Versuchs*) que cabe à filosofia da história realizar. [S. viii] Para que, à medida que efetivamente se constate que a prática das pesquisas negligencia esta verdade, onde ela estiver obscura, que seja esclarecida, e, onde estiver dubitável, que seja constatada. Sem os devidos cuidados para com esta matéria (*Thatbestand*), não há como atribuir qualquer direito substancial ao juízo. É o primeiro dever do pesquisador o de reconhecer o elemento histórico em sua peculiaridade, para que o segundo dever seja levado a cabo, o de demonstrar (*darzuthun*) o que foi feito e o que não foi feito.

pelo "ser, puro ser" para descobri-lo idêntico à Idéia, a unidade entre conceito e realidade. Contra este ponto investe Trendelenburg: Hegel não desautorizou o acesso do entendimento à realidade, mas desautorizou a própria realidade. É o caso de logificar a natureza sem naturalizar a lógica, que se mantém independente a toda contingência do real (crítica esta que interessará a Kierkegaard e Marx). Trendelenburg toma a tese kantiana, exacerbada por Hegel, da determinação (*Bestimmtheit*) do real segundo um esquema prévio de juízos como uma função associada à linguagem. E mais: atribui a Aristóteles o mesmo cumprimento de análise da proposição. O conhecimento não se funda na autoposição do entendimento como condição do objeto pela lógica transcendental, atrelada tanto à lógica geral como às condições materiais mínimas ao ato de conhecer (KrV A53/B77), em suma, pela imersão da lógica na ontologia. Contrariamente, é dado na interação linguística do sujeito à realidade que, assim, não é desacreditada. Essas teses resultam no fato de que a noção de sistema será profundamente abalada: a arquitetônica kantiana, ou a fundamentação pela razão das condições de constituição da experiência, é um apelo demasiado. Entra em voga, para o tratamento adequado da linguagem, o termo análise (*Erwägung*). E uma análise tão somente refere ao que está ali. Desfaz-se o problema do dualismo kantiano, não obstante, também a pretensão absoluta do conhecer, ou seja, tem-se um retorno à finitude. E, se ser e pensar são distintos, a verdadeira *Aufgabe* do filósofo é, não uma *Wissenschaftslehre* como propôs Fichte, mas uma *Wissenschaftstheorie*, uma teoria da ciência que, por sua vez, dispensa uma fundamentação lógica, a *logischen Begründung* de Hegel, em detrimento de uma *logischen Untersuchungen*, suas "investigações lógicas" (S. x). Encontramos nessas teses o cerne do primeiro volume *Historischen Beiträgen zur Philosophie* de Trendelenburg prévio aos volumes do *Tratado das mediaticidades*. O segundo volume (1855), na seção I intitulada *Ueber den letzten Unterschied der philosophischen Systemen* (*Sobre a diferença última dos sistemas filosóficos*, 1847), ocupa-se em oferecer uma tipologia dos sistemas filosóficos como cosmovisões derivadas das *Kategorienlehre* de 1846, o que chama de *Weltanschauungstypologie*. Tema este que será desdobrado nas seções II (dedicada a Spinoza, 1849), III (dedicada à análise das noções de necessidade e liberdade na filosofia greco-clássica, 1849), IV (dedicada às relações entre linguagem e ontologia em Leibniz, 1845-46) e V (dedicada à análise do texto *De vita beata* de Leibniz e suas correspondências com o cartesianismo e espinosismo, 1847; análise que segue o leibnizianismo até a seção VIII, de 1852, dedicada ao conceito de mônada). As seções IX (1853) e X (1850) serão dedicadas à análise da filosofia de Herbart, a qual Trendelenburg compara ao idealismo ético de Fichte. A intenção central de Trendelenburg nessas seções é, pela análise de diferentes sistemas filosóficos, apresentar o desenvolvimento progressivo do pensamento (*Gedanke*) em pensamento fundamental (*Grundgedanke*) e deste em uma cosmovisão (*Weltanschauung*). O terceiro volume (1867) apresentará o célebre debate de Trendelenburg com Fischer, onde a análise deste das teses kantianas sobre a espaço-temporalidade do objeto epistêmico, expostas em *System der Logik und Metaphysik* (1865), serão criticadas. Este ponto somente é esclarecido na seção VII, intitulada *Ueber eine Lücke in Kants Beweis von der ausschliessenden Subjectivität des Raumes und der Zeit* (*Sobre o hiato da prova kantiana da exclusiva subjetividade do espaço e tempo*). As seções anteriores preparam terreno a esta argumentação a partir de perspectivas rivais ao kantismo (I e II dedicadas a Leibniz; III, IV e V a Herbart; VI a Aristóteles). Contra Fischer, Trendelenburg defende a noção da simultânea subjetividade e objetividade do espaço e do tempo, logo, que a determinação não traria algo novo ao objeto, como queria Fischer. Não visando aqui senão uma rápida apresentação das teses suscitadas ou decorrentes da obra de 1846, por fim, destacamos a forte influência sobre Frege do debate de Trendelenburg com Fischer, quando então podemos pensar na influência do conceito de fundo aristotélico de "*língua característica*" na linha analítica Frege, Russell, Moore e Wittgenstein, destacando a relação ética e linguagem no segundo Wittgenstein; bem como a retomada do aristotelismo na crítica à filosofia transcendental da célebre linha existencialista Brentano, Husserl, Heidegger, destacando a expressa referência da *Logischen Untersuchungen* de Husserl (1900-1901). (N.T.)

Uma questão permanece para o segundo volume; mas o Autor somente vai editá-lo à medida que o fundamento do sistema (*Grundlage des Systems*), que demanda das "investigações lógicas", permaneça o real.

Talvez o desfecho do presente escrito reforce a categoria do pensamento do todo (*Kategorien den Gedanken des Ganzen*), trazendo uma visão mais clara sobre o caráter lógico da pesquisa. Dado que as investigações foram isoladas e os períodos (*Abschnitte*) frouxamente amarrados, alguns juízes a mantém [a categoria do pensamento do todo] como pretexto para ignorá-las.

[s. ix] O percurso da análise da apresentação histórica na doutrina das categorias versa sobre a controvérsia (*Streitpunkt*) do valor científico da dialética hegeliana. O Autor considera antecipado agora investir nesse ponto, uma vez que é irreversível adicionar ao debate demasiado cedo elementos tão essenciais ao tema. A questão da lógica no sistema de Hegel é ainda, como mostrou o Autor no ano de 1843*, carente da realização de estudos científicos. Mesmo um célebre representante da doutrina hegeliana, um empirista abstrato, autor que reconhece segundo o perfil (*Necknamen*) de eclético a "degradação" (*heruntergekommenen*) aristotélica decorrida, em sua coletânea de literatura dialética, recentemente trouxe notas de que a questão central das investigações lógicas havia caído em estagnação**. Esse testemunho é verdadeiro, ao [s. x] contrário de todos os outros. Como a literatura dos últimos anos demonstra, a produção segundo o método hegeliano vacila. A crença ingênua na sua infalibilidade está desaparecendo, assim como a coragem para novas produções. A relação dialética do pensamento puro é rasgada por dúvidas. Quando a questão central estagna, tão amarrada e penetrada, a ânsia por esclarecimento acaba se dirigindo para outro lugar.

Pode-se, aqui e ali, fazer como se nada tivesse incorrido à matéria, ou como se permanecesse inabalada a convicção no que se apresenta e divulga como o método absoluto. Tal resistência, por certo, nada mais é do que a rigidez da massa imóvel que se tornaram as idéias. Visto tratar do que não se pode desemaranhar (*herauskann*), aquilo mediante o qual delineamos a nós mesmos, ao qual o mundo não deve se desprender, e graças ao qual vivemos satisfeitos sob o equívoco da própria cabeça e da razão em geral (*allgemeinen Vernunft*).

[s. xi] Um resíduo (*Rest*), contudo, permanece na literatura filosófica moderna, ainda que os pressupostos da dialética do pensamento puro, a autotransformação do conceito (*Selbstverwandlung des Begriffs*), tenham sido abandonados. O método trino soa ainda como algo muito novo. Mesmo aqueles que agora acusam de sofisma a dialética hegeliana, se agarram à simetria da proposição e da oposição e à sua unidade como uma lei fundamental da especulação (*Grundgesetz der Speculation*). Onde houver uma tríade, ela deve ser aceita. Mas, por mais das vezes, como um procedimento de simplificação que confere clareza, ela apenas confere um conforto psicológico para a razão; para então vetar o acesso do observador à peculiaridade da estrutura particular da coisa (*Sache*) que é vista.

* Referência à obra *Die logische Frage in Hegel's System. Zwei Streitschriften* [Leipzig: Brockhaus 1843]. (N.T.)

** Referência à obra *Die Modificationen der Logik abgeleitet aus dem Begriff des Denkens*, de Karl Rosenkranz (Leipzig: G. Brauns, 1839). (N.T.)

A dialética, como para Hegel, mas sem o rigor e mesmo de maneira muito desigual, se mostra tão somente uma hipótese (*Versuch*), que assim encerra a inclinação do erro em tornar-se verdade.

[S. xii] Talvez o autor venha a ser perdoado, à medida que a história da doutrina das categorias, a partir das suas recentes conformações, não o confirme. Talvez venha a ser necessário redimi-lo, uma vez que o decurso dos fatos venha a confirmá-lo.

Berlin, 1º de Outubro de 1846.

A. Trendelenburg.

Fonte

TRENDELENBURG, Adolf Friedrich. *Geschichte der ketegorienlehre*. Band 1 der Reihe „Historischen Beiträgen zur Philosophie“. Verlag von G. Bethge, Berlin. 1846, S. 7-12.